O USO DA DECADIALÉTICA NO ÂMBITO EDUCATIVO: A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO CONCRETO E REAL DO ALUNO FRENTE AS CONTRIBUIÇÕES DO FILÓSOFO MÁRIO FERREIRA DOS SANTOS

RESUMO: A educação é uma construção de trocas de conhecimento entre o discente e o docente sempre repleta de oposições dialéticas. O ensino ao aluno enfrenta grandes dilemas quanto a passagem da teorização do conhecimento para a posterior aplicação do mesmo na realidade na qual se faz intérprete e integrante ativo. Ademais enfatiza-se que a educação não se deve restringir estritamente às práticas do ensino ou das formas de conhecimento em si, mas sim na inter-relação social, econômica, psicológica e pedagógica do aluno para com a sociedade na qual está e será inserido. Nesses dois aspectos essenciais cremos que a decadialética de Mário Ferreira dos Santos torna-se essencial: como forma de ativa na construção do próprio conhecimento e como uma conquista intelectual e ética do indivíduo na sociedade, sendo a decadialética uma aposta nesse processo de construção de uma unidade de sentido humano autêntica e verdadeira para o mesmo.

PALAVRAS CHAVE: EDUCAÇÃO – CONHECIMENTO – DECADIALÉTICA – SABER – PENSAMENTO CONCRETO – MÁRIO FERREIRA DOS SANTOS

INTRODUÇÃO:

 Ainda que a educação esteja refletida numa grande pluralidade de conceitos e significações, de uma forma geral conceituamos a educação como o ato de transmitir às novas gerações um determinado conjunto de saberes e valores, ressaltando que este transmitir é real-realmente uma construção do aluno frente à troca horizontal de conhecimentos para com o professor (TARGA, 2015, p.10). Ademais, hoje sabemos que a educação é sempre uma aposta de um processo harmônico de desenvolvimento do ser nos seus aspectos intelectuais, morais e físicos, ou seja, a construção de um ser concreto, que tenha participações significativas e autênticas na sociedade na qual está inserido.

 Sabemos assim, que a educação sempre visa um contexto maior e mais amplo de extensão que a aquisição de conhecimentos, compreende sim uma correlação maior do ser aprendiz com fatores políticos e sociais ao longo da sua própria história (TARGA, 2015, p.120). Nesse aspecto as pedagogias histórico-sociais buscam uma compreensão da educação como um processo mais abrangente de construção crítica do saber, de autonomia individual do aluno e de participação ativa na construção do conhecimento. Parodiando às próprias palavras do grande educador brasileiro, Paulo Freire, uma das metas essenciais da educação é criar um pensamento autêntico no aluno, que no qual o mesmo exerça ferramentas críticas verdadeiras e dialógicas com a sociedade da qual faz parte (FREIRE, 1987, p. 63).

 Por outro lado observamos que para ter as ferramentas adequadas para a construção do verdadeiro saber que transcende os muros das escolas há a necessidade de um método de apropriação de ensino que dialogue concretamente e de forma eficaz com a realidade do aluno e principalmente com a sociedade na qual vivencia e que deve participar. O método decadialético de Mário Ferreira do Santos, é uma aposta séria e concreta nas busca de soluções para esse objetivo, por ser coerente com a educação contemporâneo frente a todas a contradições e aporias, e buscar uma concreção humana mais completa e sólida.

 Nesse ínterim o artigo buscará mostrar as possíveis contribuições da dialética de dez campos de Mário Ferreira dos Santos para com a educação contemporânea, tanto na construção dos projetos pedagógicos, do desenvolvimento do ensino pelo professor, do saber em si do aluno, como na formação concreta e autêntica do mesmo para com a sociedade.

A DIALÉTICA E A DECADIALÉTICA:

 A dialética é a arte de esclarecer através de ideias (dos SANTOS, 1959, pg.88). Assim ela trabalha entre opiniões, sopesa valores e intenta concretizar a discussão, buscando esclarecer ideias ou opiniões diferentes. Como bem enfatizava o pensador brasileiro, a dialética é um verdadeiro embate entre as áreas intuitivas, racionais e *páticas* do ser na constituição do seu próprio saber(DOS SANTOS, 1959), entendendo a área intuitiva como construtora do argumental das teorias lógicas, e a parte pática como as tensões não racionais constitutivas do próprio saber sempre presentes e influenciadoras dessas práticas.

 Na dialética, da oposição de ideias opositivas se faz a síntese e composição de um novo conhecimento que identifica, esclarece, anula totalitarismos ou extremismos teoréticos, criando novos conceitos mais concretos com a realidade.

 A história da construção do raciocínio dialético passou por vários pensadores, desde Platão na era clássica grega, os trabalhos escolásticos de Nicolau de Cusa; os modernistas Kant, Fichte, Schelling; os contemporâneos Hegel e Marx, e os existencialistas Heidegger e Gadamer (DOS SANTOS, 1959). O raciocínio decadialético de Mário Ferreira dos Santos intenta aglutinar todas as contribuições dos mesmos, não nas suas contradições metafísicas ou ontológicas, mas na busca de um método construtivo argumental que possibilite precisar os limites intuitivo-racionais e tensionais dos conhecimentos em jogo, na busca de uma síntese dos opostos que não se auto-eliminem mas ao contrário que se auto-afirmem na sua existência concreta. Consta de um raciocínio dialético sistematizado em dez campos, originado de todos esses diferentes posicionamentos, mesmo até com os seus contemporâneos, já que como bem afirma o autor, se constrói com conceitos dialéticos clássicos e escolásticos, se transforma com elementos contemporâneos da dialética hegeliana, marxista e existencialista e retorna reforçando-se numa existência fática e real (DOS SANTOS, 1962, p.133). A decadialética outrossim é uma aposta intelectual coerente e defendida pelo pensador brasileiro que não pretende de forma alguma criar uma via analítica única de avaliação do pensamento, como tampouco crê que seu método esteja acabado ou represente o método final para a análise de discursos (DOS SANTOS, 1959, p.239). Busca isso sim realizar uma análise clara e evidente que une a lógica com a dialética, a intuição com a dedução, as possibilidades reais ônticas ou ontológicas com a possibilidades abstratas da mente, as análises finais variantes e invariantes, já que a realidade é antinômica e potencial, não é estática e nem absoluta. Por outro lado, as contribuições idealistas de Hegel e materialistas de Marx são imprescindíveis nessa análise dialética, na aplicabilidade real do método porque analisam fatos da realidade concreta, sua historicidade e sua espacialidade existencial humana, seus fatores contraditórios meta-epistemológicos, seu ser-ai que dialoga tanto internamente como se enfrenta a embates externos. Cremos por esse motivo que o raciocínio decadialético é essencial na análise de toda teoria, opinião ou conceituação filosófica pois intenta intelectualmente a apodicidade, o rigor filosófico e serve outrossim como uma resposta distinta aos pensamentos cientificistas, lógico-matemáticos, absolutistas empíricos ou racionalistas já que une a realidade com a construção argumentativa e não foge a abstrações nem a empiria pura (Dos SANTOS, 1959, pg. 242).

 Seu caráter relacional permanente entre a teorização das ideias e sua real existência fática, entendendo a existência fática como nossa atuação no mundo real, assim como tentativa de integrar contradições do conhecimento buscando uma ciência dialógica e concreta é essencial a toda construção do saber. O uso do raciocínio decadialética, tanto por parte do educador, como no educando, como também na própria ciência pedagógica que coordena ambas tensões, nos parece uma aposta coerente e real para criarmos uma verdadeira conceituação de princípios educacionais, assim como aplicações concretas na realidade na qual esses estudos serão inseridos.

DIVISÃO E CONSTITUIÇÃO DO RACIOCÍNIO DECADIALÉTICO:

 São 10 o pontos principais que vamos analisar, de acordo com Mário Ferreira dos Santos. Vale-se ressaltar que esses campos são inter-relacionados e buscam a progressão da análise da proposta conceitual e das oposições válidas e verdadeiras ao mesmo. Ao final, o que se procura é confirmar ou rejeitar uma ideia, baseando-a nas reais possibilidades de existência, e na criação de conceitos concretos (DOS SANTOS, 1959, p.243-249).

10) CAMPO DO SUJEITO E DO OBJETO:

 Segundo Mário Ferreira dos Santos, em todo construto de uma ideia, raciocínio, ou conceito há algo que se considera como central, paradigmático do conhecimento, ou seja, algo que é objeto do estudo e do argumento, e que se atualiza como ideia principal. Por outro lado algo sempre é virtualizado, silenciado ou omitido pelo argumento. Esses pontos devem ser encontrados e enfatizados no início da análise dialética (DOS SANTOS, 1959, p.242). Quando por exemplo afirmamos que a educação é a construção do saber, estamos pois virtualizando pontos importantes (ética, moral, fatores sociais, econômicos) que fazem parte integral do conceito e foram silenciadas mas devem ser readmitidas no âmbito do discurso.

20) CAMPO DA ATUALIDADE E DA VIRTUALIDADE

 O segundo passo dialético consiste em especificar com precisão, clareza, brevidade e solidez o que foi virtualizado no argumento central. Ou seja, qual é a especificidade temática anulada do conceito que é possível de agir no mesmo como força opositiva ao argumento central ou principal do autor (DOS SANTOS, 1959, p.243). Nesse campo ainda não separamos quais virtualizações são reais ou estão ainda no campo abstrato de teorizações.

30) CAMPO DAS POSSIBILIDADES REAIS E DAS POSSIBILIDADES NÃO-REAIS

 No terceiro campo dialético o que pretendemos é separar a virtualização entre o que pode ser real e não deve ser menosprezado na oposição ao argumento principal, o que o pensador brasileiro chama de argumento provável, do que não tem possibilidades reais de existir, mesmo que seja possível na abstração opositiva (DOS SANTOS, 1959, p.243). Nesse ponto dialeticamente estamos intentando construir as contra-argumentações ao pensamento central do autor, mas somente como ponto possivelmente ou provavelmente real.

40) CAMPO DIALÉTICO DA ATUALIDADE E A ANTINOMIA ENTRE INTENSIDADE E EXTENSIDADE

 Tudo que está atualizado e é objeto do argumento tem duas partes essenciais, uma parte intensiva e outra que o autor chama de extensiva. Intensivo é a parte do argumento abstrata, heterogênea, qualitativa, e sendo abstrativa provavelmente será transformado na parte universal do argumento. Extensivo por outro lado é a parte extensa, quantitativa, o que é verificável empiricamente e serve de apoio intuitivo para o argumento, o que é quantitativo, homogêneo, que provém da empiria ou dos fatos de realidade concreta e fática. Para Mário Ferreira dos Santos em todo pensamento construído racionalmente pelo autor há uma construção dialética entre fatos quantitativos e qualitativos, alguns tendendo mais ao apoio intensivo e outros ao extensivo (DOS SANTOS, 1959, p.244-245). Por exemplo, se estamos falando em assuntos sobre ciência tendemos a ser mais quantitativos, quando argumentamos com as ciências humanas estamos sendo mais qualitativos. Esse passo será importante para determinar as informações originais do autor na construção do seu argumento.

50) CAMPOS DAS OPOSIÇÕES DA INTENSIDADE E DA EXTENSIDADE NAS ATUALIZAÇÕES

 No quinto campo dialético, confrontamos as prováveis intensidades e extensidades não enfocadas previamente pelo autor que posteriormente podem colocar em risco ou não, o argumento central do autor. Ou seja, o autor na construção do argumentos poder ter esquecido de buscar outras fontes que contradizem ou podem colocar em risco o seu próprio argumento. Assim temos a obrigação dialética de perguntar sobre quais dados qualitativos que não foram enfatizados corretamente e sobre quais dados quantitativos foram silenciados ou esquecidos de formar o argumento (DOS SANTOS, 1959, p.245).

60) CAMPO DAS OPOSIÇÕES NO SUJEITO: RAZÃO E INTUIÇÃO

 Unindo os dados quantitativos e qualitativos possivelmente encontrados pelo autor como o mesmo provavelmente construiu seu argumento final (DOS SANTOS, 1959, p.245). Ou seja, podemos intentar chegar ao argumento do autor através das partes constituintes do seu argumento, partes quantitativas e qualitativas.

70) CAMPO DAS OPOSIÇÕES DA RAZÃO: CONHECIMENTO E DESCONHECIMENTO

 Uma vez formado o argumento dado pelo autor, e tendo por base as informações intensivas e extensivas por ele propostas, o que pode ter sido deixado silenciado no argumento, ou melhor, o que foi desconhecido pelo autor, devido a um falho intuitivo, dedutivo ou pático (DOS SANTOS, 1959, p.245). Nesse campo precisamente temos que perguntar quais são as áreas não necessariamente relacionadas ao pensamento racional que não estão enfocadas ou não foram pensados mas fazem parte da construção do conhecimento, como os fatores psicológicos, axiológicos, sociológicos, históricos, religiosos, morais, pragmáticos, etc.

80) CAMPO DAS OPOSIÇÕES DA RAZÃO: ATUALIZAÇÕES E VIRTUALIZAÇÕES RACIONAIS

 Usando as possibilidade abstratas e empíricas opositivas, que não foram reconhecidas pelo autor, que contra-argumento lógico racional pode ser criado contra as formulações da ideia central do autor. Nesse ponto podemos propor contra-argumentações ao autor, baseadas na construção dialética intensiva-extensiva não analisada ou não explicitada pelo autor na construção do seu pensamento (DOS SANTOS, 1959, p.246-247). Vale-se ressaltar que muitos argumentos estão respondidos mas não estão implícitos no pensamento do autor do conceito.

90) CAMPO DAS OPOSIÇÕES DA INTUIÇÃO: CONHECIMENTO E DESCONHECIMENTO

 Sabendo dos mesmos dados intensivos e extensivos opositivos, o que pode ser inferido de forma intuitiva, sendo válido e verdadeiro e não sendo percebido pelo autor. Em toda construção intuitiva de um argumento, alguns dados se perdem e deixam de ser analisados (DOS SANTOS, 1959, p.247). Nossa capacidade perceptiva nunca abarca toda constelação de intuições existentes num conceito ou conhecimento dado.

100) CAMPO DA VARIANTE E DO INVARIANTE.

 Finalmente, uma vez analisada as bases argumentais do raciocínio e as bases contra-argumentais ao mesmo, buscamos encontrar a possível validez e veracidade de um conceito concreto, que seja ao mesmo tempo pretensamente invariante e universal, e ao mesmo tempo contingente e fático. (DOS SANTOS, 1959, p.247-249). Esse nono campo dialético tem como consequências: ou a corroboração da ideia central do argumento estudado, ou sua anulação total ou a sua colocação dentro de um discurso mais completo e coerente com a realidade. Todo argumento final tem um apoio universal que fica invariável e outro que fica contingente.

 Assim observamos que com o uso da decadialética o conceito passa por várias etapas sucessivas de análise e oposição que intenta dialeticamente encontrar possíveis ou prováveis falhas argumentais na formulação do conceito, falhas estas na formação ontológica ou basilar do conceito, na construção lógico-intuitiva da argumentação ou mesmo na conclusão variáveis contingentes ou em invariáveis universais, gerando conceitos universais ou empíricos verdadeiros, falsos ou incompletos. A decadialética busca assim uma análise rigorosa e estrita que forme ao final um conceito claro (auto-evidente), preciso (breve), rigoroso (não contraditório) e sólido (concreto com a realidade) (DOS SANTOS, 1959).

APLICABILIDADE DA DECADIALÉTICA NA EDUCAÇÃO:

 O uso do estudo decadialético na educação é múltiplo e construtivo. Qualquer análise conceitual, tanto na criação de propostas ou projetos educativos, como na aplicação de metologias de ensino, ou na própria sala de aula pode ser estudada através do uso da decadialética. Vejamos exemplos e o as perguntas dos campos que podem esclarecer melhor a argumentação para o seu uso.

10) CAMPO DO SUJEITO E DO OBJETO:

Quando relacionamos com a educação devemos nos perguntar neste campo dialético qual é a ideia central do argumento e qual ideia foi silenciada por intenção do autor ou por desconhecimento fatual. Por exemplo: se dizemos que a principal causa de evasão escolar é a desagregação familiar, quais são as questões que possivelmente serão levantadas e quais especificidades educacionais estão silenciadas. Qual é o enfoque buscado pelo autor sobre o conceito de educação?

20) CAMPO DA ATUALIDADE E DA VIRTUALIDADE

 Um vez especificado o objeto de conceituação, devemos propor virtualizações possíveis e prováveis ao mesmo, podendo ser afins ou contrárias ao argumento dado. Por exemplo: quando voltamos a analisar as causas dadas pelo abandono escolar dadas por um dado autor, quais virtualizações não estão explicitadas e podem ser usadas na formação argumentativa. Nesse segundo campo dialético ainda não precisamos especificar com certeza e evidência absoluta se as possibilidades causais são reais e objetivas, ou seja, nesse ponto ainda estamos realizando aforismos e especulações subjetivas sobre o assunto.

30) CAMPO DAS POSSIBILIDADES REAIS E DAS POSSIBILIDADES NÃO-REAIS

 No terceiro campo dialético o que intentamos separar são as propostas alternativas que podem ser reais como contra-argumentos ou como reforço argumental, das propostas que não são possivelmente reais ou que podem ser pensadas somente no plano teorético. Por exemplo: se estamos argumentando sobre propostas educacionais contra a evasão escolar, o que tem sentido contra-argumentar dada nossa realidade atual e fática. Quais são as possíveis conjunturas reais em uma sociedade determinada, ou mesmo na nossa própria sociedade que são reais das que são simples teorizações, provindas de estudiosos ou de ideologias não comprovadas.

40) CAMPO DIALÉTICO DA ATUALIDADE E A ANTINOMIA ENTRE INTENSIDADE E EXTENSIDADE

 No quarto campo dialético buscamos prever quais foram as bases qualitativas e quantitativas para a formação de um determinado ponto de vista ou analise conceitual do autor, ou seja. Intentamos criar as premissas estruturantes aos quais cremos que o autor se baseou. No caso do exemplo evasão escolar, podemos perguntarmos quais foram os pontos de apoio quantitativos usados pelo autor (renda familiar, porcentagem de divórcios entre os pais dos alunos, ausência de saúde, violência doméstica, etc) e quais foram os apoios argumentais qualitativos ( correntes ideológicas marxistas, neomarxistas, freudiana, junguiana, pragmáticas, etc) que formaram a unidade com os dados quantitativos coletados e que posteriormente formarão o argumento final dado.

50) CAMPOS DAS OPOSIÇÕES DA INTENSIDADE E DA EXTENSIDADE NAS ATUALIZAÇÕES

 Já com os dados quantitativos evidenciados pelo autor assim como com a suposta corrente qualitativa proposta pelo autor, buscamos fontes diversas de análise quantitativa e fontes dedutivas diversas, para evidenciarmos se o argumento inicial do autor tem sustentação em outras condições ou posicionamentos. Assim no exemplo dado de evasão escolar, buscamos dados quantitativos fiáveis e de fontes teoréticas diferentes do autor para corroborarmos ou não com as teorias supostas pelo mesmo.

60) CAMPO DAS OPOSIÇÕES NO SUJEITO: RAZÃO E INTUIÇÃO

 Uma vez que já temos os aspectos qualitativos e quantitativos, podemos saber possivelmente quanto de um ou de outro foi mais evidenciado na construção do argumento pelo autor. Ou seja, dada uma teoria sobre a evasão escolar podemos especificar que aspecto foi mais atualizado, se foi a teorética abstrativa ou se foi a fidelidade dos dados recolhidos. Nesse campo dialético podemos ter implícito qual foi o jogo dialético imposto pelo autor para determinar seu ponto de vista, si se ateve aos dados ou alguma realidade dada, ou se teve mais um apoio instrumental dedutivo ou ideológico-teórico.

70) CAMPO DAS OPOSIÇÕES DA RAZÃO: CONHECIMENTO E DESCONHECIMENTO

 Esse campo dialético muitas vezes é silenciado por própria ausência de uma análise mais honesta sobre as suas próprias teorias. O pensador francês Michel Foucault, anos depois, incidiria nesse aspecto quando reportava que o filósofo ou educador esquece de analisar a si mesmo, de observar quais são suas reais carências argumentativas, que o fazem determinar dogmas como leis naturais, qual é sua situação de valores (axiológica), seus limitantes psicológicos, sociais ou econômicos (FOUCAULT, 1990). No caso exemplificado, temos que inquirir conhecimentos limitantes da argumentação, axiológicos, o que o pensador brasileiro chamaria de juízos de valor, e que muitas vezes são mais importantes na construção argumentativa que os próprios dados da realidade (DOS SANTOS, 1959, 243). É comum encontrarmos aporias nesse campo, quando as argumentações estão mais relacionadas aos vícios de formação intelectual, de compreensão e limitação lógica, que são completados por opiniões do senso comum universitário, sem base na realidade, sem comprovação real, mas que são aceitas somente na comunidade da qual o autor faz parte.

80) CAMPO DAS OPOSIÇÕES DA RAZÃO: ATUALIZAÇÕES E VIRTUALIZAÇÕES RACIONAIS

 Na dialética das oposições da razão o que buscamos é construir contra-argumentos racionais retirados ou dos dados quantitativos ou qualitativos do próprio autor não foram devidamente analisados ou de informações que não foram buscadas pelo autor, mas que existem na realidade e na racionalidade provável. Ou seja, buscamos falhos no processo dedutivo ou teorético em si dado pelo autor, ou na má construção do argumento dadas as informações quantitativas. Referente ao exemplo da evasão escolar, podemos analisar como podemos contra-argumentar o autor, usando dados que o mesmo utilizou ou se a própria construção do argumento foi incorreta.

90) CAMPO DAS OPOSIÇÕES DA INTUIÇÃO: CONHECIMENTO E DESCONHECIMENTO

 Todo processo dedutivo parte de induções encontradas na realidade ou em outros processos teoréticos, mas sempre não conseguem abarcar toda a realidade sensível e intuitiva (DOS SANTOS, 1959, 244). No caso do exemplo que estamos seguindo, a evasão escolar, muitas vezes temos que buscar fontes em outras áreas ou em outras problematizações que podem ter relação direta com o processo, como por exemplo, políticas públicas locais debatidas pela comunidades, problemas locais de mobilidade, acesso a outras condições mínimas do estado, como a violência local, situação psicológicas e econômica familiar das crianças ou adolescentes evadidos. Ou seja, nesse ponto outras problematizações locais, contingentes podem ser inseridas com o objetivo de abarcar políticas mais precisas, claras e sólidas de construção do problema. Achamos que a possível localização desse campo dialético ao final dos pontos de Mário Ferreira dos Santos e não no inicio deve ser provavelmente no sentido de criar novas teorias mais relacionadas com a realidade local, com a real contingência situacional do ser mas que ainda estão ausentes e não foram devidamente teorizadas numa racionalização apressada que muitas vezes está presente em várias conceituações.

100) CAMPO DA VARIANTE E DO INVARIANTE.

 Esse campo dialético representa, mesmo que não explicitado pelo autor do método decadialético, um ponto final quando confrontamos a conceituação propostas pelo autor, com todas as críticas elaborados e consolidadas pelo recurso dialético de dez campos. Nesse ponto final criamos um confronto entre a visão global do pensamento do autor sobre um tema, buscando sua universalidade ( o que é ao final uma constante estudada e pode servir como apoio universal ao assunto proposto) e o que é a sua contingência ( ou seja, aquilo que pode variar na própria espacialidade como na própria historicidade do problema questionado pelo autor). No caso da evasão escolar, por exemplo, temos que observar qual parte do conceito do autor é auto-evidente e constante, independentemente da analise realizada, e qual parte se constitui numa variante temporal ou espacial, mas não necessariamente apodítica. Assim poderemos formar um conceito que seja o mais claro, preciso, sólido e não contraditório, e que possa ser posteriormente ser corroborado ou rebatido.

CONCLUSÃO:

 Embora o raciocínio decadialético de Mário Ferreira dos Santos ( DOS SANTOS, 1959) não seja utilizado correntemente na educação, cremos que essa análise de um dos maiores filósofos brasileiros é vigente, atual e necessária na mesma pelas seguintes contribuições:

10) É um método dialético sistemático e reproduzível tanto no âmbito universitário como escolar, ou seja, de execução real do meio estudantil;

20) Permite analisar todo processo de construção de um argumento tanto do professor como do aluno, evitando extremismos ou preconceitos;

30) Permite a contra-argumentação com bases sólidas tanto pelo professor como pelo aluno, o que incentiva o pensar concreto;

40) Permite observar a ingerência de fatores externos à construção do conhecimento escolar de forma mais clara, enfatizando as aporias não racionais, tais como psicológicas, morais, sociais, econômicas, etc e criando autonomia crítica social;

50) Permite uma seriedade e respeito com a problemáticas locais dos alunos e do professor, com sua mutabilidade e contingência. Explora antropologicamente e socialmente as realidades locais, explicitando lutas e prioridades, tentativas de poder e opressão;

60) Permite uma conceituação ou projeto pedagógico teórico-prático mais condizente com a realidade de ambos aprendizes, tanto do aluno como do professor ou pedagogo;

70) Abre possibilidades para as preocupações locais e comunitárias, inter-relacionando com o conhecimento dos grandes pensadores e intelectuais, o que permite maior amplitude cultural e intelectiva;

80) Enfim, proporciona soluções reais e fáticas de educação, sem moldes tecnicistas absolutos ou teóricos abstratos que não dialogam com os reais problemas educacionais locais existentes.

BIBLIOGRAFIA

DOS SANTOS, Mário Ferreira. **Lógica e dialética**. 4.ed. São Paulo: LOGOS LTDA, 1959.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. **Métodos Lógicos e Dialético, III Volume**. 2 ed. São Paulo: LOGOS LTDA, 1962

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder.** Rio de Janeiro: Graal, 1990.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987

TARGA, Dante Cavalho. **Filosofia, Educação e Sociedade**. Palhoça: UnisulVirtual, 2015.